

## Mensagem aos Vestibulandos

*Linhares Filho*

Agradeço à colega Profa. Maria de Jesus de Sá Correia a concessão da palavra a mim neste momento. Ela o fez com a recomendação de que eu deveria ser simples, informal e breve. Breve serei. Mas não sei se tão simples e informal; se o não for, que a professora e todos me desculpem, pois, como diria Alberto Caeiro: “Tristes de nós que trazemos a alma vestida!”

Uma das naturais aspirações do escritor brasileiro é, inegavelmente, ter uma obra sua indicada para estudo dos que se submetem ao Exame Vestibular. Isso porque se enseja a possibilidade de leitores diferentes dos comuns se debruçarem sobre uma produção da lavra desse escritor. E suscita-se o aparecimento de novos estudos críticos acerca do que ele escreveu. E, conquanto escritores como eu conscientizem o ilusório do destaque terreno e que nada nos pertence, senão a Deus, é sempre agradável ao autor sentir a repercussão de sua obra como um motivo não de vanglória, mas de satisfação pela eficiência no seio da comunidade, o que lhe transmite maior vontade de viver.

Quando se me atribuiu o “Prêmio Estado do Ceará” de 1987 pelo meu livro de poemas *Tempo de Colheita*, encontrava-me em Lisboa. Recebi lá a notícia alvissareira e, interpretando aquele resultado como um Carinho Telúrico, com esse título o meu entusiasmo concebeu este poema, que enviei como mensagem a minha Terra, a esta nossa Terra bendita de sol e de talento:

Um carinho de mãe com o filho ausente,  
o que vem encontrar-me em Portugal.  
O cearense calor meu peito sente  
e a brisa do distante carnaubal.

Acaso minha Terra me presente  
a saudade no solo de Cabral.  
Grata a quem lhe ofertou o peito e a mente,  
manda-me eterna flor de um seu rosal.

Recolho enternecido a que me veio  
refulgente. Ah, Ceará! sempre assisti  
à glória e à dor que guardas no teu seio.

Vira-te a turbação quando parti.  
Apaziguado quero ver-te e cheio  
de luz triunfal, quando me for daqui.

Agora que, pela graça de Deus, o grande escritor Caio Porfírio Carneiro e eu fomos agraciados com a escolha de nossos livros para comporem a lista dos indicados para o Exame Vestibular de 2009 na UFC, achamo-nos premiados pela nossa própria Terra Cearense, recebendo como um valioso presente a dádiva dessa escolha, tanto mais, no meu caso, que sei existirem outros escritores no Ceará e no País mais merecedores do que eu, de serem contemplados com essa distinção. Agradecemos, pois, aos membros da CCV, representantes dessa Terra, em missão seletiva, por elegerem nossos livros como objetos de estudo dos jovens vestibulandos do Ceará.

Sentimos, por isso, a alma vivendo em plena carnavalização pela surpresa e pela alegria, uma espécie de *fortal* interior, um carnaval fora do tempo. Vemo-nos uns Lilicos, presenteados com o nosso pato natalino, a que nos abraçamos maravilhados, num Natal em maio, mas sem a frustração posterior do menino de *Trapiá*, sem as ameaças e a incompreensão de Tropeiro João e Dona Ana. Encontramo-nos também agraciados com uma como que caixa do renitente Aristides, desenterrada de um lugar junto a um pé de juazeiro por um Mundoca e um Zé de Góis, à semelhança do que narra Caio Porfírio Carneiro na sugestiva conclusão do conto “Ventania”.

Claro que nessa caixa vislumbramos uma botija, o tesouro espiritual do reconhecimento dedicado a nós por nossa Terra, representada pela CCV, capitaneada esta pelo descortino, a sensibilidade, o dinamismo e o senso administrativo da Profa. Maria de Jesus de Sá Correia. E esse tesouro não se comparará com aquele, do conto de Eça

de Queirós, o qual ficou inútil na mata de Roquelanes, por causa da desavença entre os ambiciosos irmãos de Medranhos, que o encontraram, Rui, Guanes e Rostabal. É que o escritor Caio Porfírio Carneiro e eu sabemos que a união faz a força, o que se confirma com o lema de nossa Universidade: *Virtus unita fortior* (O valor unido é mais forte). Pois bem, estaremos todos unidos em torno do tesouro do reconhecimento dos dez textos escolhidos para o Exame Vestibular: os autores, os vivos e os falecidos, Antônio Sales, Angela Gutiérrez, Ana Miranda, Fernando Sabino, Caio Porfírio Carneiro, Clarice Lispector, Patativa do Assaré, Milton Dias, Eduardo Campos e este que vos fala; a Universidade Federal do Ceará, tendo à frente o reitor em exercício, Prof. Jesualdo Pereira Farias e os membros da Comissão Coordenadora do Vestibular; os Colégios a que pertenceis, diletos vestibulandos; o vosso estudo e a vossa vontade; e tudo unido num só esforço alcançará para vós, que mais vos destacardes, a conquista certa de uma vaga na Universidade, o que representará um contributo para a vida desta instituição, o coroamento de vossa caminhada humanista, uma compensação ao devotamento a vós por parte de vossas famílias e uma renovada esperança de glória para o futuro do Brasil.

Tenho a maior honra por acompanhar-me, neste lançamento de livros da Coleção Literatura no Vestibular, com o contista, romancista, poeta, crítico literário e memorialista Caio Porfírio Carneiro, estimado amigo e um dos mais destacados homens de Letras deste País, detentor de importantes prêmios, e cuja produção, pela sutileza, habilidade técnica e sagacidade no investigar a alma humana, tem logrado o aplauso da mais eminente crítica.

Não posso deixar de evocar a figura do reitor Ícaro de Sousa Moreira, meu ex-aluno no Colégio Lourenço Filho, o qual nos deixou recentemente e vinha conduzindo nossa Universidade com o maior acerto e dedicação. A ele, o preito de minha admiração e saudade.

Diletos vestibulandos: tenho consciência da importância da Literatura, paradigma da Língua em vossa vida de estudantes e de futuros profissionais, uma vez que é através da Língua Vernácula que se estru-

tura o logos, isto quer dizer que pensais em qualquer disciplina através dela, otimizada pela linguagem em seu registro literário.

Considerando-vos já minha família espiritual, com o meu texto literário, como o fiz com minhas filhas de sangue, deixo-vos um prematuro testamento – Deixo-vos tudo que sou / no tudo-nada do sonho, empresto-vos as crinas e o lombo, ressuscitados, do meu cavalo da infância, para que nele alcanceis as alturas do vosso ideal, e desejo que, no fim de vossa navegação de humanistas, cada um transmita ao mundo suas “notícias de bordo” com estes versos de “Conquista”, que possam sair da boca de cada um de vós:

Ao ultramar da dura prova chego,  
e o tempo de suor não foi em vão.  
Cada coisa ficou posta em sossego,  
transpostos Bojador e Cabo-Não.

Tenho a meu lado o cálido aconchego,  
em que o cérebro e o peito pousarão.  
Bendigo, todavia, o triste ofego,  
em que amadureceu uma canção.

Contemplo do alto a máquina do mundo,  
como quem subjugou a onda e o frio,  
e do esplendor de tudo já me inundo.

Aporto no limiar do próprio Ser,  
fiando altivo à parca um desafio:  
faz-se de morte o tempo de viver.